

# A LINGUÍSTICA DE BENVENISTE: UMA TEORIA DA LINGUAGEM

## BENVENISTE'S LINGUISTICS: A THEORY OF LANGUAGE

Valdir do Nascimento Flores **1**

**Resumo:** Este texto objetiva mostrar que a teoria da linguagem desenvolvida por Benveniste é ampla e não limitada a classificações apriorísticas. Considera-se que essa teoria inclui estudos de diferentes naturezas, dirigidos a diferentes públicos e com diferentes objetivos, o que a torna uma teoria geral da linguagem. A partir da leitura de especialistas na obra de Benveniste e da análise de parte de seus textos propõe-se que a teoria da linguagem de Benveniste alicerça-se na tríade homem, linguagem e significação da língua. A conclusão apresenta algumas perspectivas de investigação em que essa visão geral seja considerada.

**Palavras-chave:** Émile Benveniste. Teoria da Linguagem. Linguística Geral. Epistemologia da Linguística.

**Abstract:** This text aims to show that the theory of language developed by Benveniste is broad and not limited to aprioristic classifications. It is considered that this theory includes studies of different natures, aimed at different audiences and with different objectives, which makes it a general theory of language. Based on the reading of Benveniste's work by specialists and the analysis of part of his texts, it is proposed that Benveniste's theory of language is based on the triad man, language and meaning of language. The conclusion presents some research perspectives in which this overview can be considered.

**Keywords:** Émile Benveniste. Language Theory. General Linguistics. Epistemology of Linguistics.

---

**1** Professor Titular em Linguística e Língua Portuguesa do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8959064517534406>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2676-3834>. E-mail: [vnf.ufrgs@gmail.com](mailto:vnf.ufrgs@gmail.com)

“Tudo o que diz respeito à linguagem é objeto da linguística”  
(Benveniste 1989, p. 29).

## Introdução

Em um texto luminoso – oriundo de uma comunicação feita em 1995 e publicado em 1997– Claudine Normand (2009)<sup>1</sup>, talvez uma das maiores intérpretes do pensamento de Benveniste, traça um panorama de leitura da obra do linguista, obtido segundo a observação do modo como essa obra foi apreendida através de “leituras parciais por vezes completamente distintas” (NORMAND 2009, p. 12). Nesse panorama, Normand surpreende uma dissociação da obra, reveladora de distintos leitores e de distintos modos de ler. De forma esquemática, Normand fala em três tipos de leitura (tomados em sincronia e em diacronia): a leitura comparatista, feita por filólogos e linguistas de línguas clássicas (estão incluídos aqui os estudos do indo-europeu, do iraniano, da língua osseta etc.); a leitura estruturalista, feita pelos “jovens linguistas” franceses da década de 1970 (estão incluídos aqui os textos de apresentação de outros linguistas, de noções fundamentais, de linguística geral etc.); a leitura da teoria da enunciação, feita após os anos 1970 (estão incluídos os textos reagrupados pelo próprio Benveniste nas partes “O homem na língua” e “A comunicação”, presentes nos dois volumes de *Problemas de linguística geral*).

Embora Normand não se detenha detalhadamente nessas leituras – que, segundo ela, exigiriam análise da recepção da obra de Benveniste, ao menos no contexto francês –, a sua simples lembrança é suficiente para revelar uma dissociação – por “ignorância” dos linguistas ou por “desconfiança”, explica ironicamente Normand – que pouco diz a um público especializado.

Ora, se contrapomos essas “leituras disjuntas” detectadas por Normand à bibliografia estabelecida por M.Dj. Moïnfar, em 1975, em *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste* (cf. Referências), percebemos que algo causa espécie. Na bibliografia, estão listados 18 obras, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na Sociedade linguística de Paris. A pergunta que se impõe então é: uma obra com tais proporções pode ser reduzida a leituras tão estanques como as inventariadas por Normand (2009)?

A sensação de estranhamento parece se aguçar um pouco mais se somamos à bibliografia de Moïnfar o grande número de fontes manuscritas do autor, recentemente divulgadas: a transcrição de notas manuscritas feita por Chloé Laplantine, publicada em 2011 sob o título *Baudelaire*<sup>2</sup>; a organização de Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet, publicada em 2012, das anotações das últimas aulas de Émile Benveniste no *Collège de France – Dernières leçons: Collège de France 1968-1969*<sup>3</sup>; e os inéditos “La traduction, la langue et la intelligence” e “Singulier et pluriel”<sup>4</sup>.

Consideradas as dimensões da obra de Benveniste, podemos somar à pergunta acima outra, de natureza epistemológica: há algum elemento unificador que permita reunir essa aparente dispersão de temas e que tenha sido desconsiderado pelos leitores de Benveniste?

Ambas as questões determinam o que pretendemos fazer neste artigo: de um lado, apresentar possíveis causas que levaram a leituras tão disjuntas e, ao mesmo tempo, argumentar em favor de uma visada de conjunto dos trabalhos de Benveniste que coloque em perspectiva a multiplicidade de interesses do linguista, o que inviabilizaria uma classificação reducionista em apenas dois ou três eixos; de outro lado, traçar algumas linhas de reflexão que permitam vislumbrar aspectos unificadores dessa reflexão, o que levaria a falar em uma teoria benvenistiana da linguagem. Finalmente, na conclusão, apresentamos as linhas gerais de algumas perspectivas de investigação, em que essa visão geral seja considerada no quadro de uma análise epistemológica

1 Trata-se do texto de Claudine Normand “Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé”, pronunciado por ocasião do Colóquio Émile Benveniste. Vingt ans après, em 1995. Trabalhamos aqui com versão brasileira do texto (cf. Normand 2009).

2 Ver: BENVENISTE, Émile. Baudelaire. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges, Éditions Lambert-Lucas, 2011.

3 Ver: BENVENISTE, Émile. Dernières leçons. Collège de France 1968-1969. EHESS, Gallimard, Seuil, Paris, 2012. Existe uma versão brasileira da obra: BENVENISTE, Émile. Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969. Tradução de Daniel Costa da Silva et al. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

4 Ver: FENOGLIO, Irène (org.) et al. Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

relativa à noção de teoria da linguagem, e, conseqüentemente, de ciência implicada na reflexão de Benveniste acerca da linguagem.

## Leituras disjuntas de um estilo único

Assim Gérard Dessons inicia seu livro *Émile Benveniste, l'invention du discours*:

Émile Benveniste é um linguista à parte. Seus trabalhos no domínio da linguística geral mudaram algo na paisagem das ciências humanas, mas como ele visou uma antropologia – histórica – da linguagem, quer dizer uma teoria de conjunto, ele se misturou ao que, *a priori*, não lhe dizia respeito: arte, filosofia, sociologia, etnologia, psicanálise, literatura (DESSONS 2006, p.16).

Dessons parece indicar alguns dos motivos que levaram à aparente disjunção das leituras da obra de Benveniste: a elaboração de uma teoria de conjunto com incidência nas ciências humanas e o transbordamento para domínios que vão além do domínio de uma teoria linguística *stricto sensu*. Mas há mais.

Alguns outros elementos podem ser acrescidos a essa perspectiva de Dessons. Por exemplo, François Dosse (1994), em sua *História do estruturalismo*, dedica ao linguista um capítulo, não por acaso, intitulado “Benveniste: a exceção francesa”. E a “exceção” de que fala Dosse diz respeito, de um lado, à dita “linguística da enunciação”, pelo linguista iniciada com os trabalhos sobre a subjetividade na linguagem. Nesse campo, Dosse considera que Benveniste demorou a ter notoriedade em função de seu temperamento pessoal – reconhecidamente tímido<sup>5</sup> –, mas também em função de sua posição de professor altamente especializado do *Collège de France*, instituição de muito prestígio na França, mas à margem da Universidade, onde a prática do “fazer escola” se configurava de maneira mais natural. De outro lado, Dosse aponta que a grande especialização de Benveniste em indo-europeu e em várias outras línguas antigas soma-se ao reconhecimento obtido em campos exteriores à linguística (filosofia, antropologia, psicanálise, lógica etc.), o que o teria levado a um certo isolamento no interior da linguística francesa<sup>6</sup>.

Também Gilbert Lazard, em um lindo texto sobre Benveniste, assim se manifesta sobre o mestre:

O trabalho de E. Benveniste é excepcional por sua escala, sua diversidade e impacto. Poucos homens cultivaram campos de estudo tão diferentes e vastos: em cada um deles, ele deu uma contribuição importante que continua a ser fonte de inspiração para uma série de pesquisadores. Podemos agrupar suas obras em três categorias: linguística e filologia iraniana, gramática comparada indo-europeia, linguística geral (LEJEUNE; BADER & LAZARD 1978, p. 66).

Essa passagem de Lazard ratifica a ideia do “homem de cultura ampla” e propõe uma categorização tripartite da obra até então não aventada (em especial, pela separação entre filologia iraniana e gramática comparada). Mais adiante, Lazard pontua um aspecto fundamental: o fato de Benveniste, por não fazer parte da universidade francesa e sim do *Collège de France*, não ter “feito escola”:

É impossível medir a influência do ensino e dos trabalhos de E. Benveniste. Muitos, franceses e estrangeiros, são aqueles que ouviram suas aulas na École Pratique ou no Collège de France,

5 Diz Françoise Bader sobre isso: “E. Benveniste era um homem secreto. O que sabemos sobre a história de sua vida está amplamente entrelaçada com a de sua obra” (LEJEUNE; BADER & LAZARD 1978, p. 52).

6 Ver Rosário (2018).

Ainda mais numerosos os que leram suas obras. Linguistas de todas as disciplinas e convicções, mas também filólogos, analistas de formas literárias, semioticistas, etnólogos, psicólogos, muitos outros sem dúvida, encontraram em sua obra exemplos de método e sugestões frutíferas. Se, certamente por escolha, ele não foi um mestre que fez escola, foi um professor incomparável que abriu novos horizontes para a pesquisa. Pensador solitário, como Saussure havia sido, mas um trabalhador infinitamente mais laborioso e mais frutífero, como ele, foi um iniciador e um inspirador (LEJEUNE; BADER & LAZARD 1978, p. 77).

Para encerrar a recolha de depoimentos que podem nos servir de apoio para pensar a respeito dos motivos que determinam leituras díspares – e mesmo contraditórias – da obra benvenistiana, cabe lembrar o depoimento do sociólogo e crítico literário brasileiro José Guilherme Merquior:

Benveniste era um mestre extremamente culto que escondia sua enorme erudição sob uma modéstia exemplarmente discreta. Digno aluno do maior discípulo de Saussure, Antoine Meillet, morreu pobre, respeitado por seus colegas, mas totalmente esquecido pela fama um tanto ou quanto exagerada desfrutada pelos gurus estruturalistas. (Ainda me lembro como calávamos, reverentes, ao passar pela porta de sua sala no caminho para o concorrido seminário de Lévi-Strauss no Collège de France). No mesmo ano em que a doença o forçou a deixar sua cadeira de *'grammaire comparée'*, ele publicou uma luminosa obra-prima, na qual as melhores qualidades da tradição filológica caminhavam de mãos dadas com a mais profunda sagacidade estruturalista: o *Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes* (1969), tesouro de interpretações e *'aperçus'* escondido, como sempre acontecia com ele, atrás de um título deveras desprezioso (MERQUIOR 1991, p. 27).

Ora, o que foi dito parece suficiente para fundamentar a ideia de que a obra de Benveniste transborda compartimentos disciplinares seja em função de sua diversidade temática, seja em função dos diferentes usos que são feitos de suas especializadas pesquisas, o que acarreta a disjunção de leituras, nem sempre convergentes. Sobre isso, cabe um maior aprofundamento.

O fato é que a obra de Benveniste parece fazer alguma resistência ao estabelecimento de uma condensada visão geral. Benveniste foi o que se poderia chamar de um linguista de profissão: amplos horizontes de pesquisa, apreço pela diversidade das línguas, consciência da necessidade de a linguística estar em relação com as demais áreas do conhecimento, admissão do papel fundamental da cultura na constituição do humano. Além disso, Benveniste conciliou a minúcia do fazer científico com a beleza do texto bem escrito: seus artigos nunca são simples artigos, mas verdadeiras peças textuais cuja leitura inebria e envolve.

Dono de um estilo único, Benveniste dizia muito com pouco. Seus artigos, por exemplo, nunca são excessivamente longos, mas recusam qualquer interpretação fácil. Sobre esse estilo daremos aqui apenas alguns exemplos, para deleite do leitor.

Em “Natureza do signo linguístico” – originalmente de 1939, texto em que Benveniste critica a perspectiva de Saussure, segundo a qual o signo linguístico é arbitrário – ele problematiza enfaticamente a afirmação de que *a natureza do signo é arbitrária*, presente no *Curso de linguística geral* (CLG); em especial, ele problematiza a demonstração dada disso no CLG – o famoso exemplo da palavra francesa *boëuf* ter como significante *b-ö-f*, na França, e *o-k-s* (*Ochs*), na Alemanha. Benveniste vê nessa demonstração um falseamento da ideia de arbitrário como imotivado exatamente porque tal raciocínio supõe que *b-ö-f* e *o-k-s* se aplicam à mesma realidade, o *boi*, logo seria uma relação motivada pelo referente. Leiamos Benveniste:

Decidir que o signo linguístico é arbitrário porque o mesmo animal se chama *boi* num país, *Ochs*, noutro, equivale a dizer que a noção do luto é “arbitrária” porque tem por símbolo o preto na Europa, o branco na China. Arbitrária, sim, mas somente sob o olhar impassível de Sirius ou para aquele que se limita a comprovar, de fora, a ligação estabelecida entre uma realidade objetiva e um comportamento humano e se condena, assim, a não ver aí senão contingência (BENVENISTE 1988, p. 55).

Ora, que outro linguista recorreria à imagem de Sirius – a maior e mais brilhante estrela da constelação do Cão Maior, que pode ser avistada de qualquer parte da Terra, já que uma das estrelas mais próximas de nosso planeta – para dar força ao seu argumento? E a imagem, convenhamos, é fundamental para dar consistência ao argumento de Benveniste.

Em “Os níveis da análise linguística”, originalmente de 1962, Benveniste, ao tratar a relação entre a *forma* e o *sentido* na linguagem, formula uma sofisticada crítica à linguística de seu tempo: “o que não se tentou para evitar, ignorar ou expulsar o sentido? É inútil: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam” (BENVENISTE [1966]/1988, p. 126). Mais uma imagem forte: a cabeça de Medusa, da deusa grega com serpentes no lugar dos cabelos que a todos encantava, petrificando quem a fitasse.

Sem dúvida, nesse caso, o alvo de Benveniste é os linguistas e a linguística. A abordagem do sentido na linguagem realmente sempre foi o ponto fraco da linguística e isso, ao menos, por um motivo: o sentido escapa, em muitos aspectos, às metodologias conformadas aos ideais de cientificidade da linguística, sempre tão desejosos de adaptação às ciências da natureza. E é isto que Benveniste lembra: o sentido é uma cabeça de Medusa, pode petrificar quem ousa olhá-lo.

Esses dois exemplos são suficientes para ilustrar o que estamos aqui defendendo: o que chamamos genericamente o “estilo” de Benveniste materializa-se numa escrita pouco comum no âmbito da linguística, e isso adquire contornos mais complexos quando o assunto em tela transborda os limites da linguística, interessando a outros campos. Talvez resida aí a dispersão das leituras.

O fato é que a obra de Benveniste passa ao largo da especialização estreita; ela combina em grau elevado o fino pensamento científico à admiração pelas sociedades, culturas, formas de ver e viver o mundo. Os leitores de sua obra devem se acostumar ao espanto que produz a amplitude de seu pensamento.

## Linhas de reflexão

Em 1968, Benveniste dá uma entrevista ao jornalista e crítico literário Guy Dumur (1921-1991), publicada em *Le nouvel observateur*<sup>7</sup>, importante revista francesa de cultura e política, em que ele explicita um procedimento epistemológico importante:

G.D. — *No seu ensino, o senhor tem a impressão de prolongar um estudo que o senhor começou há muito tempo ou, cada vez, é um recomeço?*

E.B. — Há as duas coisas. Há evidentemente um certo número de interrogações que lhe acompanham durante toda sua existência mas, de qualquer forma, talvez seja inevitável na medida em que se tem uma ótica própria. Mas há o enriquecimento constante do trabalho, da leitura, da estimulação que vem dos outros. Eu me utilizo do desenvolvimento de todas as ciências que seguem a mesma direção. Durante muito tempo a única companhia da linguística era a filologia. Agora vemos todo o conjunto das

7 Para maiores informações, consultar: <https://www.nouvelobs.com/>



ciências humanas se desenvolver, formar-se toda uma grande antropologia (no sentido de “ciência geral do homem”). E se percebe que as ciências do homem são, no fundo, muito mais difíceis que as ciências da natureza e não é por acaso que elas são as últimas a terem nascido. É necessário grande capacidade de abstração e de generalização para começar a entrever os desenvolvimentos de que o homem é sede (BENVENISTE 1989, p. 38).

Ora, não é demais repetir. Diz Benveniste: “Eu me utilizo do desenvolvimento de todas as ciências que seguem a mesma direção”. E de qual direção ele fala? A direção do entendimento do “homem” na esteira de uma “ciência geral do homem”, uma antropologia. A partir disso é fácil concluir que Benveniste não só aproxima a sua linguística dessa “antropologia” como também coloca o homem no centro de sua reflexão: no caso, um homem sede da linguagem.

Se conjugamos a resposta de Benveniste ao jornalista com o que ele diz, em 1966, em uma Conferência junto à Sociedade de Filosofia de Língua Francesa a respeito da linguagem humana, veremos que a pedra angular de sua reflexão nada mais é do que a composição resultante do homem, linguagem e a significância da língua. Observemos o que ele diz na Conferência:

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e tão numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para *viver* (BENVENISTE 1989, p. 222).

Eis o compósito medular da linguística de Benveniste. Todos os campos em que ela incide, as áreas que aborda, os fenômenos que estuda trazem a marca da composição homem, linguagem e significância da língua.

O estudos comparatistas presentes em *O vocabulário das instituições indo-europeias* testemunham isso de maneira evidente. Neles, Benveniste busca delimitar a tarefa do linguista observando, por exemplo, que

Se ocupamo-nos do verbo grego *hēgéomai* e de seu derivado *hēgemón*, é para ver como se constituiu a noção de ‘hegemonia’; mas, sem considerar que gr. *hēgemonía* é, alternativamente, a supremacia de um indivíduo, ou de uma nação, ou o equivalente do *imperium romano* etc., interessamos apenas a relação, difícil de estabelecer, entre um termo de autoridade tal como *hēgemón* e o verbo *hēgéomai* no sentido de ‘pensar julgar’ (BENVENISTE 1995, p. 9).

Dito de outro modo, o linguista se interessa pelo sentido da palavra, pelo valor que tem e pelo contexto em que ela se especificou. Ao sociólogo, por exemplo, ou ao historiador um estudo como esse poderia sugerir uma análise de *hegemonia* em um contexto da política grega ou latina.

Nos estudos da dita linguística da enunciação, por sua vez, proliferam trabalhos em que Benveniste faz intervir uma reflexão linguística articulada ao sentido da língua e ao homem que fala.

Assim é com a distinção entre pessoa (pertencente ao universo do eu/tu) e não pessoa (pertencente ao universo do ele), formulada em artigos produzidos entre os anos 1940 e 1960<sup>8</sup>. Essa distinção permite-lhe mostrar que a existência do homem como ser falante está ligada à

<sup>8</sup> São eles (cf. FLORES 2013): “Estrutura das relações de pessoa no verbo” (1946), “A natureza dos pronomes” (1956), “Da subjetividade na linguagem” (1958), “As relações de tempo no verbo francês” (1959), “A linguagem e a experiência humana” (1965) e “Estrutura da língua estrutura da sociedade” (1968).

sofisticada capacidade de assumir a evanescente – embora eterna na vida de cada um – necessidade da reversibilidade do exercício da língua. Ora, a pessoa subjetiva – o *eu* – que assim se constitui pela oposição com a pessoa não subjetiva – o *tu* – experiencia a cada instante ser e não ser. E ambos – ser e não ser – se contrapõem, com a mesma constância e necessidade, ao “que está ausente”, à não pessoa, ao *ele*, ao *al-yā’ibu*, conforme a gramática árabe, tão bem explicado pela erudição de Benveniste (FLORES 2019).

Nos trabalhos em que Benveniste entabula um debate com outros campos do conhecimento, vemos a mesma preocupação operar. Tomemos a título de exemplo apenas dois: “Comunicação animal e linguagem humana”, de 1952, e “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, de 1956.

No primeiro, Benveniste questiona a afirmação de Karl von Frisch<sup>9</sup> de que as abelhas teriam uma linguagem. Para Benveniste, as abelhas têm um código de comunicação, mas não linguagem. Assim ele conclui:

É possível que o progresso das pesquisas nos faça penetrar mais fundo na compreensão dos impulsos e das modalidades desse tipo de comunicação, mas o haver estabelecido que ele existe e qual é e como funciona já significa que veremos melhor onde começa a linguagem e como se delimita o homem (BENVENISTE 1988, p. 67).

No segundo, Benveniste avalia, a pedido do psicanalista Jacques Lacan, o raciocínio de Sigmund Freud, esboçado em um texto publicado em 1910<sup>10</sup> a respeito dos trabalhos do filólogo comparatista alemão Karl Abel. O trabalho de Freud é, na verdade, dedicado às relações entre a psicanálise e as ciências humanas. Dentro desse trabalho, Freud, entre outras questões, desenvolve a tese de que há no sonho uma ausência de negação. Além disso, Freud vê na linguagem onírica uma ambivalência de seus elementos de forma a comportarem significações opostas e/ou contraditórias. Para Freud, haveria uma “analogia entre o processo do sonho e a semântica das línguas ‘primitivas’, nas quais um mesmo termo enunciaria uma coisa e igualmente seu contrário” (BENVENISTE 1988, p. 86). Freud se baseia, portanto, nas pesquisas de Abel para fazer seus comentários sobre o sonho e, por este, sobre o inconsciente.

Benveniste não se contrapõe à relação estabelecida por Freud entre o sonho e a língua, mas ao recurso à ideia de “línguas primitivas”, oriunda de Abel. Na verdade, Benveniste contradiz Abel acerca da existência dessas “línguas primitivas”, uma vez que o princípio da sincronia impede que se conceba a existência de um momento em que as línguas teriam um traço “primitivo”. As línguas são o que são em sua sincronia. A ideia de “primitividade” é estranha à sincronia das línguas. Isso posto, observemos a solução que Benveniste apresenta a Freud:

O que Freud perguntou em vão à linguagem “histórica” teria podido, em certa medida, perguntar ao mito ou à poesia. Certas formas de poesia podem aparentar-se ao sonho e sugerir o mesmo modo de estruturação, introduzir nas formas normais da linguagem essa indeterminação do sentido que o sonho projeta nas nossas atividades (BENVENISTE 1988, p. 90).

Benveniste mantém a ideia de Freud de ver na língua alguma correspondência à formação do inconsciente que é o sonho, mas não se trata, na opinião do linguista, de uma “língua primitiva”. A coexistência dos sentidos antitéticos, em que *um mesmo termo enunciaria uma coisa e igualmente*

<sup>9</sup> Zoólogo alemão Karl von Frisch, agraciado com um prêmio Nobel de fisiologia/medicina em 1973 em função de seus trabalhos sobre a linguagem dos insetos, incluindo, em especial, as abelhas. Como detalha Gerard Dessons (2006, p. 43-49), o debate Benveniste/Frisch obteve alguma repercussão em sua época. Prova disso é que a revista de Ciências Humanas Diogenes publica, em seu sétimo número, em 1954, uma carta de Karl von Frisch em resposta ao artigo de Benveniste, “Comunicação animal e linguagem humana”, de 1952, publicado no primeiro número da mesma revista. Essa carta é seguida de uma resposta dada pelo próprio Benveniste a pedido da revista.

<sup>10</sup> Traduzido para o Francês, em 1933, por Marie Bonaparte e E. Marty – Du sens opposé dans les mots primitifs /O sentido antitético das palavras primitivas e editado por P.U.F.

seu contrário, pode ser surpreendida na poesia e no mito, ou seja, em produções linguageiras que carregam a marca de um falante. A isso, Benveniste acrescenta de forma verdadeiramente programática: “a continuarmos essas comparação, tomaríamos o caminho de fecundas comparações entre a simbólica do inconsciente e certos processos típicos da subjetividade manifestada no discurso. Pode-se, ao nível da linguagem, precisar: trata-se dos processos *estilísticos* do discurso” (BENVENISTE 1988, p. 93). Ora, esses processos nada mais são do que uma analogia entre o inconsciente e o modo como cada um se coloca no discurso: “na verdade, aquilo a que chamamos inconsciente é responsável pela maneira como o indivíduo constrói a sua pessoa, afirma, recalca ou ignora isto motivando aquilo” (BENVENISTE 1988, p. 94).

Enfim, o que essa análise sumária que fazemos de alguns dos trabalhos de Benveniste indica é que a dissociação de leituras feitas de sua obra – o que acarreta inclusive um disjunção de interpretações – somente se justificaria se se ignorasse o que estamos considerando a pedra angular dessa teoria. O próprio Benveniste, no prefácio que faz ao primeiro volume de *Problemas de linguística geral*, deixa ao leitor a tarefa de reconstrução da unidade de sua reflexão: “a unidade e a coerência do conjunto ressaltarão dessa exposição” (BENVENISTE 1988, s.p.). Quer dizer, há unidade, há conjunto.

## Conclusão

É tempo de concluir e talvez possamos fazê-lo a partir da consideração a um ponto somente tratado tangencialmente aqui e que, portanto, exige ser desenvolvido: o que significa em termos epistemológicos dizer que a obra de Benveniste revela, em seu conjunto, uma “teoria da linguagem”?

O uso da expressão “teoria da linguagem”, sabemos bem, cobra seu preço. Em que sentido utilizamos, nesse contexto, a palavra “teoria”? Que particularidades ela adquire da adjunção “da linguagem”? E mais: em que medida o conjunto da obra de Benveniste corresponderia a algum sentido da expressão “teoria da linguagem”?

Responder a tais questões impõe a construção de uma base sólida de reflexão epistemológica que necessariamente passaria pela problematização em torno da noção de ciência implicada em uma teoria da linguagem, em geral, e na de Benveniste, em particular.

Exatamente sobre esse tema problematiza J-C Milner, em *Introdução a uma ciência da linguagem*:

A linguística deseja ser uma ciência. Além desse desejo, ela não tem nenhum status e só lhe resta se confundir com as práticas, muito antigas e muito estimadas, que agrupamos sob o nome de gramática. Evidentemente, o nome de ciência não se reveste de nenhuma evidência por si mesmo; sabemos que cabe à epistemologia especificar seu conteúdo; sabemos também que as doutrinas epistemológicas são variadas, de tal modo que a linguística é afetada por todos os equívocos e hesitações que marcam a questão da ciência. Seria muito fácil mostrar que, com o passar do tempo, as idas e vindas que caracterizam o caminhar da linguística foram motivadas parcialmente por esses equívocos e essas hesitações (MILNER 2021, p. 15).

Ora, Milner tem razão: a questão fundamental é em que termos podemos considerar que a questão da ciência é pertinente para a linguística. Milner (2021), como sabemos, nessa obra, submete a detalhado exame o programa gerativista – por ele chamado de Escola de Cambridge – para examinar a hipótese segundo a qual a linguística seria uma ciência no mesmo sentido em que uma ciência da natureza o é.

Mas e se aplicássemos – mesmo que de maneira provisória, como ideia diretriz à investigação



dos fatos – as indagações de Milner sobre Benveniste<sup>11</sup>? Em que medida as preocupações teóricas e metodológicas de Benveniste configurariam uma (qual?) teoria da linguagem? Uma prática científica?

O fato é que raciocinar nesses termos implicaria a tomada de algumas decisões para as quais não sabemos se temos o aparato mínimo necessário. Senão, vejamos: Que tipo de teoria a “teoria da linguagem” de Benveniste implica? Uma teoria aproximada ao que supomos ser as ciências da natureza? Ou uma teoria mais identificada com o que conhecemos sob o rótulo – muito pouco autoexplicativo – de “ciências humanas”, ou “sociais”, ou “do homem” etc.? E o que acarreta estar de um ou de outro lado dessa moeda?

Bem sabemos, não é raro vermos linguistas requerer para si o status do fazer científico, atitude esta que não deixa de levantar algum questionamento. John Lyons (1987, p. 45), em um livro cuja leitura é fundamental para qualquer um que se pretenda linguista, Língua(gem) e linguística, dá os exatos termos sobre os quais teríamos que raciocinar:

A linguística é normalmente definida como ciência da linguagem, ou alternativamente, como estudo científico da linguagem. O próprio fato de que há uma seção neste livro e em outras introduções à linguística, explicitamente dedicada à discussão do *status* científico desta disciplina não deve deixar de ser comentado. Afinal, disciplinas cujo *status* científico é inquestionável - a física, a química, a biologia etc. - não têm necessidade de justificar sua reivindicação de se chamar ciência. Por que deveria a linguística preocupar-se tanto em defender a validade de seu título? E por que, ao defender suas credenciais científicas, o linguista tantas vezes dá a impressão de “protestar em demasia”? O leitor tem todo o direito de levantar suspeita.

Que “credenciais científicas” defende Benveniste? Ora, Benveniste parece supor alguma perspectiva de ciência. É isso que podemos deduzir de passagens como as seguintes: a) de um ponto de vista que visa à relação da linguística com as outras áreas: “as discussões sobre as questões de método em linguística poderiam ser apenas o prelúdio de uma revisão que englobaria, finalmente, todas as ciências do homem” (BENVENISTE 1988, p. 4); b) de um ponto de vista que visa à linguística em si: “dizer que a linguística tende a tornar-se científica não é apenas insistir sobre uma necessidade de rigor, comum a todas as disciplinas. Trata-se, em primeiro lugar, de uma mudança de atitude em relação ao objeto, que se definirá por um esforço para formalizá-lo” (BENVENISTE 1988, p. 7); c) de um ponto de vista que visa às diferentes possibilidades do campo: “há várias linguísticas, há várias maneiras de as praticar” (BENVENISTE 1989, p. 39).

Enfim, muitos são os temas que tangenciam o que aqui é colocado, quando nos dedicamos à dita “teoria da linguagem” de Benveniste. Dever-se-ia examinar a repercussão que tem a centralidade da tríade homem/linguagem/significância da língua na constituição da racionalidade científica e filosófica da linguística de nosso tempo.

Na verdade, já se deve ter compreendido, sugerimos que se submeta a teoria da linguagem de Benveniste a um detido exame epistemológico de modo a situá-la em relação ao discurso da ciência. Um empreendimento dessa monta exigiria de seu agente uma considerável compreensão das condições de possibilidade da emergência, ou não, do saber científico ou de qualquer saber.

Sobre isso, gostaríamos apenas de aventar uma hipótese: a teoria de Benveniste – talvez, inclusive, à revelia do próprio Benveniste – se apresenta para a linguística e sua pretensão científica exatamente da mesma perspectiva da qual se apresenta a psicanálise para o discurso médico, em especial, o psiquiátrico<sup>12</sup>. O efeito que a psicanálise tem sobre a psiquiatria é o de “opor o *homem trágico*, verdadeiro cadinho da consciência moderna, ao *homem comportamental*, reles criatura científica inventada pelos adeptos do cérebro-máquina” (ROUDINESCO 2000, p. 128). E isso se deve, em nossa opinião, a um motivo: Benveniste desloca a clássica relação entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível para uma relação em que estão implicados sujeitos apenas. O conhecimento do

<sup>11</sup> De uma maneira diferente, mas com alguma relação, é o que fazem D’OTTAVI; HÉROUT (2002).

<sup>12</sup> Sobre a posição da psicanálise nesse debate, vale ler A-cientificidade da psicanálise de Joël Dor.

objeto adviria dessa relação entre os sujeitos, no caso os falantes.

A insistência no estabelecimento de vínculos de conexão que devem sancionar as relações causais entre teoria e experiência não raras vezes arvora-se em uma atitude de banimento do Olimpo científico o que nele não cabe. Benveniste parece dar um outro destino a isso.

A linguística de Benveniste reside no mesmo endereço das ditas ciências do homem, mas o que isso efetivamente significa? Esse estudo está por ser feito<sup>13</sup>.

## Bibliografia

BENVENISTE, Émile. **Baudelaire**. Présentation et transcription de Chloé Laplantine. Limoges : Éditions Lambert-Lucas, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Dernières leçons. Collège de France 1968-1969**. Éditions établi par Jean-Claude Coquet et Irène Fenoglio. Paris : EHESS, Gallimard, Seuil, 2012.

BENVENISTE, Émile. **Noms d'agent et noms d'action en indo-européen**. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1993.

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias. Economia, Parentesco, Sociedade**. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias. Poder, Direito, Religião**. Tradução de Denise Bottmann. Campinas: Pontes, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 1988.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* Campinas: Pontes, 1989.

BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BRUNET, Émilie. Anexo 2. Os papéis de Émile Benveniste. BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)**. Tradução de Daniel Costa da Silva *et al.* São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 235-242.

D'OTTAVI, Giuseppe; HÉROUT, Raphaëlle. Benveniste nas entrelinhas. Contribuição para o estudo do imaginário linguístico dos linguistas. Tradução de Alena Ciulla. **ReVEL**, Porto Alegre, n. 34, vol. 18, mar. 2020. Disponibilidade em: <http://www.revel.inf.br/files/740411aabb82ae1cf346f179b07fbc46.pdf> . Acesso em 22 nov. 2021

DESSONS, Gérard. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.

DOR, Joël. **A-cientificidade da psicanálise. A alienação da psicanálise**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o campo do signo, 1945/1966**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Ensaio, Editora da UNICAMP, 1993.

<sup>13</sup> Um bom começo é ver a interpretação que dá Dany Robert Dufour à teoria de Benveniste, numa discussão que faz aparecer os traços do unário, do binário e do trinitário no âmbito da ciência. Benveniste teria sabido supor a existência do trinitário (cf. Dufour 1999 e 2000).

DOSSE, François. **História do estruturalismo: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ed. Ensaio, 1994.

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

DUFOUR, Dany-Robert. **Le bégaiement des maîtres: Lacan, Benveniste, Lévi-Strauss**. Toulouse: Érès, 1999.

FENOGLIO, Irène (Org.) *et al.* **Autour d'Émile Benveniste sur l'écriture**. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Problemas gerais de linguística**. Petrópolis: Vozes, 2019.

LEJEUNE Michel, BADER Françoise, LAZARD Gilbert. Émile Benveniste (1902-1976). In: **Annuaire 1977-1978**. École pratique des hautes études: Paris, 1978. p. 50-77.

LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Tradução de Marilda Winkler Averbug e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Praga a Paris. O surgimento, a mudança e a dissolução da ideia estruturalista**. Tradução de Ana Maria de Castro Gibson. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

MILNER, Jean-Claude. **Introdução a uma ciência da linguagem**. São Paulo: Vozes, 2021.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste. In: \_\_\_\_\_. **Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste**. Paris/Louvain : Société Linguistique de Paris/Peeters, 1975. p. IX-LIII.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. Sur la terminologie de Benveniste. **Linx**, Nanterre/Paris, n.9, 1997. Disponibilidade em: <https://doi.org/10.4000/linx.1085>. Acesso em: 24 ago. 2021.

NORMAND, Claudine. Lectures de Benveniste: quelques variantes sur un itinéraire balisé. **Linx**, Paris, Numéro spécial, 1997. Disponibilidade em: <https://journals.openedition.org/linx/964>. Acesso em: 21 nov. 2021.

NORMAND, Claudine. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, n.1, v.44, jan.-mar. 2009. Disponibilidade em: [file:///C:/Users/hp/Downloads/5647-Texto%20do%20artigo-18546-1-10-20090806%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/hp/Downloads/5647-Texto%20do%20artigo-18546-1-10-20090806%20(1).pdf). Acesso em: 21 nov. 2021.

ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. **Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua**. 2018. 170 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ROUDINECO, Elisabeth. **Por que a psicanálise?**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.